



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES** **Ano VI - N.º 144**
Preço 1\$00
 Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato **Director e Editor:— Padre Américo** **Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto**
PAÇO DE SOUSA **3 de Setembro de 1949** **Vales do Correio para CETE**

Uma Carta

Que lhe posso eu dizer Padre Américo, depois de palavras tão belas, ou por outra, tão simples e tão cheias de bondade que o sr. pronunciou em minha querida Pátria!...

Não sei mesmo porquê, ou a que pretexto lhe escrevo. Ouvi-o, de boca aberta, na Casa Granado e no Ginástico Português, e após as suas palavras parece que um manto de bondade baixava sobre o meu coração. Tinha projectos de fazer todo o bem que pudesse a meus semelhantes, olhava com mais piedade os desherdados da sorte e, reprendia em pensamento, aqueles que governavam a minha Pátria, herança tão valiosa que os seus antepassados nos legaram e que ficam apáticos ao bem estar social.

Estou tomando o seu tempo sr. Padre Américo, e repito o que acima lhe digo, não sei porque lhe estou escrevendo; a sua maneira de ver a Religião, o seu carinho, principalmente pela infancia, autoriza-me a lhe escrever, perdando esta loucura.

Escrevendo-lhe, parece-me que estou falando a um confessor. Não sabe quanto me faz bem ver as creanças alegres, divertirem-se, fazendo muitas travessuras a que acho imensa graça. Adoro estes pirralhos que nos fazem esquecer tanta desilusão, tanta maldade... e não sei porquê, eles também gostam de mim. De uma forma geral, os gaiátos vão com a minha cara, apesar de não ser das mais simpáticas.

Talvez, Padre Américo, a minha alma seja gémea da sua, e isso me levou a tomar o seu tempo, não me leve a mal, jogue na cesta dos papeis, como inútil, esta carta que nunca de lá deveria ter saído.

Recebi hoje, pela primeira vez, o Gaiato, e muitos dos meus Amigos, cujas assinaturas tomei para a sua imprensa, também já ouviram a vós da Gurisada. Muito obrigado.

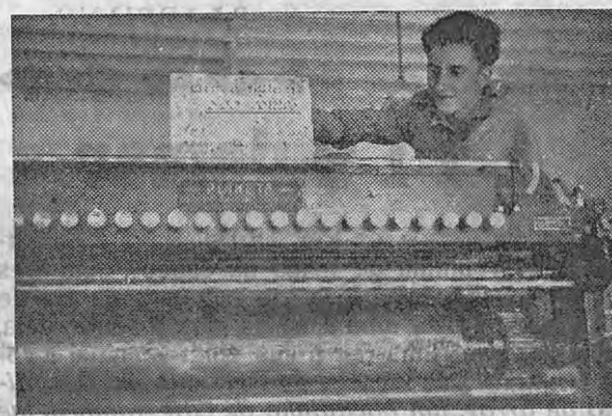
Ando arrumando as coisas para um dia, não muito distante, ir a Portugal, essa boa terra de quem guardo muitas e boas lembranças. Muitos lugares tenho para visitar, mas um aonde não deixarei de ir, dentro do meu anonimato, é a esse Santuário de fé Cristã, de fé entre os homens, levar-lhe o pequeno auxílio que na ocasião puder, e depois rogar a Deus que, não só no meu querido Brasil, como em todas as outras Nações do Universo, apareçam bastantes obras, para levarem avante uma obra que fará de todos nós bons irmãos, e acabará, sem necessidade de Nações Unidas, com a rivalidade neste Mundo de Cristo.

Dizem que o Júlio Dantas esteve há tempos no Brasil em missão especial de estreitar os laços intelectuais entre brasileiros e portugueses. Agora mesmo o Doutor Supico encontra-se no Rio de Janeiro em missão especial de contractos comerciais. Esta carta é expressão maravilhosa de uma outra missão. É um brasileiro quem assina. Não põe o seu nome; põe simplesmente Brasileiro. Fujo a comentários com medo de desvirtuar.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 220.500\$00

Aquando do meu regresso e que os nossos rapazes foram ao meu encontro, em Lisboa, algumas famílias da capital quiseram receber alguns deles por hóspedes, e à despedida deram-lhes tipogra-



flas. A proprietária do Francfort de S.ta Justa, deu um bilhete para seis entradas e apareceram-lhe nove rapazes. Bem pudera ela ter refilado, mas não. Recebeu-os todos e acabou.

E do Porto um a valer por dois. E Lisboa. E outra vez Lisboa para a tipografia mais portuguesa. E mais a quarta e quinta prestações do Porto. E da Tabueira. E um em reconhecimento do êxito dos meus sacrifícios do ano. Não chega a este anónimo o sacrifício da vida. Quer ir mais longe e tomar lugar na procissão. E Lisboa. E do Porto. E o pessoal da Casa de Saúde de Coimbra. E alguém de algures. E de Aguas Belas. E de Anha. Mais esta carta de Lisboa:

Quando começou a Coluna para a «Nossa Tipografia», julguei que fosse uma corrida, e fui logo das primeiras a correr com a minha parte, com medo de não chegar a tempo.

Afinal tornou-se n'uma procissão, que apesar «de muitos bonitos gestos» faz pena de ir a passos tão lentos!!!

Tenho muita pena que o Padre Américo não venha encontrar a Tipografia paga e pronta e o Padre Adriano com a sua Estátua!!!

Gostaria muito de dar a «valer por os muitos» que não mandaram, mas como não posso vai aqui junto a «valer só por dois», pois é com algum sacrifício, mas espero em Deus para me ajudar, e se assim for, vou mandando o que puder.

Até breve — se Deus quiser!!!

Mais outra pequenina carta de Alcaide:

Junto envio a 3.ª prestação para a Tipografia — 50\$00. A 1.ª foi de 20\$00 — nessa altura andava eu bastante apertado com falta «dele». A 2.ª foi de 30\$00, já a coisa tinha melhorado e agora melhor está. Nosso Senhor dá-nos estas «consoladelas» de multiplicar 1 em 100 e nós continuamos uns miseráveis «acanhadinhos», uns «especuladores» das coisas divinas.

Mais a Câmara do Vila Real com 1000 escudos. E' a primeira a explicar-se. Espera-se que outras percam o medo, tomando o seu lugar na procissão. Não são precisas opas nem água benta. É um de Cantanhede. Mais quinhentos da Maria Arrojado. Ela é de Lisboa. Mais uma medalha d'ouro. Mais dois senhores de Alcobaca. Alcobaca tem pedido para eu ir ali com

o nosso documentário. E eu vou. E Castelo Branco. E Lisboa. Outra vez Lisboa a valer por cinco. E da Póvoa. E de Angola (Sá da Bandeira). E Vizeu. E Porto. E Castelo Branco. E os alunos de 4.ª Classe da Escola N.º 30 de Benguela; também eles querem enfileirar e enfileiram. E uma prestação do Estoril. E o Fundão. E Chão de Couce. E Mangualde com meia ração. E de algures. E duas prestações do mesmo Conimbricense. E o Porto; é uma estudante que não quer faltar ao seu dever. E uma prestação. E o Porto. E Valesdres com meia ração. E uma Noelista do Porto. Ainda não contei, mas parece-me que vão poucas Noelistas na procissão. E Alenquer. E Guarda. E Negrelos com uma libra em ouro. E duas ditas de Lisboa: foram um presente à minha mulher quando era ainda bebé. Mais outra libra de algures. Quatro delas durante esta quinzena. Espero que não passe para a nossa Aldeia a reserva do Banco de Inglaterra! E uma Mãe agradecida. Linguagem singular! Ela dá e agradece a oportunidade de o poder ter feito. A verdade está aqui. A verdade está nesta mãe agradecida. E' mais feliz quem dá do que quem recebe. E da Fonte da Moura. Tantas vezes esta fonte vem à fonte! Este nome Fonte da Moura, é tão nosso conhecido. Mãe ou não, trata-se de uma pessoa verdadeiramente feliz. E o Porto com meia dose. Ora vamos agora a fazer as contas:

Atrazado	220 500
desta feita	6 800
	<hr/>
	227.300

Faltam só duzentos e setenta e três contos. Quando a ideia da tipografia desabrochou, faltava tudo. Os senhores não tenham medo nem percam a esperança,



que eu faço da mesma sorte. O que eu estimo e peço ao nosso bom Deus, é que esta procissão siga no passo que lhe é próprio, de vagarinho e silenciosa, para cha-

Continua na 3.ª página

AQUI LISBOA

Carta do Brasil

Se não estivesse estribado na minha insuficiência, e, por isso mesmo, confiado á solicitude da Providência, teria baqueado nesta hora difícil da ausência do nosso Padre Américo.

Os nossos trabalhos dobraram intensiva e extensivamente dum momento para outro.

P.^o Luiz lembrou-se de adoecer nesta altura, e vai achando gosto á cama. P.^o Manuel com a sobrecarga das Colónias de férias não podia acudir nem ao Norte nem ao Sul, e eu, sem queda para jornalista, com a tropa de Paço de Sousa, com a tipografia e a recepção do nosso peregrino, ás voltas, vi jeitos de dar em doido.

Mas, mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.

Os auxiliares começaram a surgir de todos os lados, cheios da mais heroica dedicação que pode imaginar-se, e sempre na hora própria. Nem houve tempo para um segundo desalento.

Aquele senhor Engenheiro que se prontificou á substituir o P.^o Luiz, foi um anjo descido do céu. Obras, Rapazes, escrituração, tudo ele abarcou num segundo, para tudo fazer girar no ritmo anteriormente adquirido.

Eis o que ele diz, de algures, no Atlântico:

«Foi o melhor estágio da minha vida este no Tojal e foi um tempo muito feliz porque, tenha eu cumprido bem ou mal a minha missão, fui igualmente apaixonado em tudo quanto fiz e tive a consolação das boas ajudas que o Senhor sempre pôs á minha beira. Não sei o que Ele quererá de mim, nem me quero precipitar, mas ao vosso lado espero estar sempre, em qualquer estado, e já agora não posso deixar de ser um suplente no vosso serviço. Assim eu seja sempre digno de mo deixarem ser». E agora que transitóriamente teve de retirar, outro Rapaz, batido nas ruas de Lisboa nas casernas da tropa, nas fileiras da A. C. e nos bancos do Seminário se aprontou a substituí-lo revelando o mesmo tino orientador, e construtivo.

E quando também este por sua vez teve de retirar, logo um Professor Primário se prontificou a sacrificar as suas férias para que aos Rapazes de Lisboa não faltasse a necessária orientação.

—No Lar do Porto não faltaram preciosos colaboradores, nas horas difíceis. Quando um dos Rapazes a caminho do emprego, caiu na rua com um inesperado rasgão na pleura, logo os companheiros revelaram o seu carinho fraternal, revestindo-se hora a hora por turnos dia e noite, á cabeceira do doente.

O Assistente revelou quanto é capaz o amor do próximo num coração cheio de Deus.

Três médicos acudiram também conseguindo salvar o doente, já em coma.

E quando, a um deles, eu perguntava quanto se devia pela assistência constante que prestava ao doente, ele quase se zangava:

—Eu faço da clínica um sacerdócio. O doente, já em convalescença em Miranda, pede-me que ponha aqui uma palavra de reconhecimento a quem o salvou; mas eu quero mais. Quero que seja conhecido do mundo inteiro o exemplo super-terreno deste Médico. Mais ainda: que imitem aqueles que, do seu sacerdócio fazem um negócio.

Bendito seja Deus!

Sou até levado a crer na necessidade de nós desaparecermos para darmos lugar a uma avalanche de ardentes Apóstolos que levem a Obra a todos os recantos de Portugal.

E se passarmos ás Senhoras auxiliares da Obra, verificamos o mesmo entusiasmo que o lixo das ruas despertou em corações de dedicação maternal.

A Obra tem conhecido horas difíceis também neste capítulo. Quantas vezes ao transitarmos, P.^o Américo e eu, pelas ruas da cidade nos lamentávamos simultaneamente: as ruas a abarrotar e procurar a gente uma mulher com qualidades de mãe dedicada para cuidar dos nossos Rapazes e não a encontrar!

Mas confiemos. Nunca no mundo se fez Obra nenhuma grande (para bem ou para mal) em que não tomasse parte decisiva a colaboração da mulher.

Pois aí as temos. Ora ouçam:

«Só conheço a Obra da Rua, através de «O Gaiato». Leio-o sempre com avidéz da 1.^a á última linha e deixo que lhe diga este Famoso traz fogo que nos incendeia a alma. A sua doutrina queima, revolve cá dentro, arrasta, força... Não admira é a Verdade do Evangelho apresentada com a simplicidade do Mestre.

Acontece que, sempre que leio «O Gaiato» do fundo da alma me sobe este anseio: Se tivesse milhões dava-os á Obra, mas não tenho nada... e ficava-me a pensar... e lá no fundo da alma aparecia-me como que uma luzinha muito pequenina: e se me desse a mim mesma?...

Mais outra carta:

Venho escrever a V.^a Rev.^a para lhe dizer que tenho grande desejo de me dar á Obra. Desde que a conheço tenho sentido esse desejo... Toda a minha família toma como loucura a minha resolução. Eu na verdade não presto para nada mas vou unicamente confiada em N. Senhor que me há-de ajudar.

Só mais outra:

Numa visita muito breve que fiz á Casa do Gaiato vi uma senhora que trabalhava na rouparia. Uma esperança surgiu a de trabalhar pela Obra, e nunca mais se apagou. Não me atemoriza a entrada pela porta estreita; sei que só por ela se entra para a Vida—».

Que garantias damos nós a estas Senhoras? As mesmas que nós, os Padres da Rua, temos—nenhumas. Nem dinheiro, nem a rendazinha do dote, nem a segurança duma ordem estável e rica, nem sequer a garantia da vida de piedade com missas, comunhões ou benções que fazem das delicias das Religiosas. Nada. A governante do Tojal nem missa ao domingo tem, (e não é mais que os milhares de almas, de 20 e tal freguesias ali á volta, que estão ao abandono há quarenta anos e com o mesmo direito á felicidade eterna). O calix sim; a porta estreita também; mas o Senhor de tudo, não deixará ninguém de mãos vazias. A paga é com Ele.

P.^o ADRIANO.

A T'i Guiomar

Foi na cidade do Rio. Eu passava e encontrei uma velhinha de lenço na cabeça, com ares de ser portuguesa. Não me enganei; ela era de Portugal. Trazia uma saca na mão e dentro dela, outra vazia. Vinha dar a sua volta semanal e colher esmolas nos lugares do costume: um bocadinho de arroz, um bocadinho de café, também me dão massa e pão, ia ela informando, enquanto desdobrava a saca interior. Mora nos suburbios, em Caxias, numa barraca de renda. Há muito que ficou viuva e tem por ali filhos casados, mas são tão pobres como ela—eles mandam-me recado para eu ir comer, mas eu antes quero fazer em casa o meu caldo. E a senhora Guiomar conta-me que faz caldo para dois dias, para poupar a lenha. Que não azeda, disse-me ela, quando lhe fiz a pergunta. É um caldinho muito bom e que me sabe muito bem.

Eu compreendo que assim seja. Aquilo que nós fazemos por nossas próprias mãos, tem o sabor total do nosso esforço. A senhora Guiomar tem muita razão em não trocar pelo seu, o caldo dos filhos. Além disso eles são tão pobres como ela. A senhora Guiomar não quer ser pesada a ninguém; é a nobreza a falar. Isto era na rua a uma hora em que passava muita gente. Quis eu saber em que terra ela nasceu e vem logo a resposta emocionante: eu sou d'antre a Regua e Lamego. Não restringiu; não disse o nome da sua pequenina aldeia. Nomeia duas cidades; duas terras muito grandes e mui faladas, para eu ficar bem inteirado de que ela é portuguesa. Vem agora a sua vez e também me perguntou onde é que eu tinha nascido. Não disse o nome da minha terra, que lhe seria naturalmente desconhecida. Já que ali estávamos tam juntinhos, não quis separar-me dela. Disse que era de ao pé de Sinfães. Ela repete a palavra. Conhece a terra. Quando era pequenina ia ali ás feiras com os seus pais. E logo me pergunta se eu conhecia a Senhora dos Remédios. Senti-me imediatamente feliz por ter dito á Ti Guiomar uma mentira piedosa. Por ela nos estreitamos. Eramos visinhos. Falamos da romaria da Senhora dos Remédios. Dava para um romance o que ela me disse de como eram romaria eromeiros na sua mocidade; e remata que da lareira da casa se ouvia tocar o sino na torre da Senhora.

Eu estava embebido. Era a voz de Portugal; de Portugal de há um ror de anos. A senhora Guiomar faz oitenta deles no dia de Nossa Senhora da Conceição. Oitenta anos numa barraca de tábuas a comer caldo da véspera por falta de casa, de meios, e de confôrto; oitenta anos portugueses!

Chegou a minha vez. Saco da algibeira um monte de notas e escolho entre elas a mais limpa. No Brasil não há prata. Não há dinheiro de prata

Não são de revelar os actos de simpatia da Colónia Portuguesa e também de Brasileiros, pela nossa obra, durante o tempo que no Brasil estivemos. Não são de revelar, digo, porquanto, em primeiro lugar, falta a palavra, e em segundo, está a obrigação de calar. Nós somos uma obra de desconhecidos. No primeiro plano das estupendas declarações de amor á obra, vem um senhor do Rio de Janeiro, que muito antes de eu chegar, e até, sem saber que eu vinha, teve a idea original e felicíssima de arranjar aquilo a que ele chama «livros de ouro». Trata-se de uma encadernação elegante e sólida com o fim de angariar assinantes para o nosso jornal. Cada folha do livro traz uma frase, destacada e colhida em numeros anteriores do mesmo. Gosta-se de ver ali a frase viva e quente. O que vai ser assinante, enquanto escreve o seu nome e morada, fica já com uma ideia da leitura de «O Gaiato». São dez, estes livros, com cem nomes cada um. Na data em que esta escrevo, quatro deles encontram-se totalmente cheios e os restantes andam em giro por vários estados do Brasil. São, por consequência, mil pessoas que dentro em breve conhecem e amam a nossa casa, as quais, por sua vez, farão com que outros nos conheçam e amem. Queria soltar aqui um viva do coração ao senhor de tão genial ideia, mas ele não quer que o faça. Fico pois a desejar-lhe em silêncio todo o bem que Ele merece.

De passagem por Petrópolis, também ali recebi uma lista de perto de cem assinantes, dinheiro á frente, que é uma coisa muito boa. Durante os poucos dias que me demorei em S. Paulo, idem, idem, idem.

Mas voltemos ao Rio; ao Rio de Janeiro. Dir-se-ia que nesta cidade os portugueses estão em maioria. Eles são, pelo menos, a espinha dorsal do comércio e da industria. E são acima de tudo, portugueses amigos de Portugal. Eu era para eles um bocadinho da pátria, por trazer as mãos ainda quentes das crianças abandonadas e ser a promessa dum Portugal melhor. Em casa duma família, em Botafogo, aonde Zé Eduardo e eu fomos almoçar, era um mundo de gente. O rir, o falar, o comer, o cantar, o tocar, o dançar—era tudo português. Havia louça das Caldas, suspensa nas paredes, e sobre as mesas, bonecos do Senhor de Matosinhos. Houve uma rabelada de viola, ferrinhos e tambor. Ali era Portugal. Quatro Brasileiras que tomaram parte, só o eram por terem nascido no Brasil, mas a alma era portuguesa. O dono da casa disse á laia de brinde e de olhos humedecidos, que no regresso a Portugal, depois duma longa ausência, não foram tanto as obras publicas que o enterreceram, como a ordem social. Mas não foi só esta ocasião; várias famílias chamaram por mim com o mesmo pensamento, e entre elas eu encontrei a obsessão da pátria. O amor da pátria nunca anda só; traz o da família. Lá estava ela á roda duma mesa extensa; eram os pais, quatro filhos, genros, e muitos netos.

Isto era no Rio de Janeiro, mas debaixo daquelas telhas, tudo cheirava a Portugal.

Lêde e propagai "O GAIATO"

Quando ela soube do seu valor, levantou os olhos e com os mesmos olhos mais do que palavras, disse-me que ia comprar remédio: eu vou já comprar remédio. Eu sou muito doente do reumatismo. Olhe que não posso levantar este braço. Um mar de ideias invade o meu interior. Como poderia eu continuar a oferecer o remédio á senhora Guiomar?

Não podia fazer nada pela distância e deixei a senhora Guiomar a meter novamente dentro da saca uma outra que de lá tirara e ia dizendo seu espanto pela nota que recebeu. Um bocadinho afastados e ainda se ouvia a sua voz resoluta: vou já comprar remédio.

Isto deu-se na rua debaixo dum sol ardente, e sob os olhares do turbilhão que passa e não vê. Nisto abeira-se de mim um senhor a perguntar se eu sou o tal. Tal como nas ruas de Lisboa, repetiu-se o caso que ali é já trivial.

Como eu dissesse que sim, o desconhecido coloca nas minhas mãos pecadoras o dobro da quantia que eu acabava de dar á senhora Guiomar. Lição: se queres receber, dá.

De como o Zé Eduardo se tem portado

Zé Eduardo não me largou enquanto eu lhe não dei licença de mandar fazer cartões. Cartões de visita. Ele queria meio cento deles. Deu-me as razões da sua necessidade e eu disse que sim. Dias depois chega Zé Eduardo à minha cela, no Mosteiro de S. Bento, com a encomenda na algibeira e uma grande tristeza no semblante. O rapaz nem tinha coragem de me mostrar a obra que ele tanto desejara. Na tipografia tinham-lhe cortado um apelido; cortaram o *Gonçalves* e ficou só o José Eduardo Lopes. Eu tratei de o consolar; que Lopes era um nome muito bonito e muito em moda. Zé Eduardo mandou gravar logo abaixo do seu nome a palavra *Estudante*. É o tributo. Todos nós pagamos este tributozinho à vida social. Gostamos do cartaz. Zé Eduardo andava todo contente no Brasil, com seu cartão na algibeira, e não perdia a ocasião de o oferecer. De uma vez que um senhor me ofereceu o cartão, Zé Eduardo, que estava ao pé, percebendo que eu não usava disso, rapa um dos seus e num gesto de cortezia, oferece-o ao visitante; o juiz de Menores de Maceió.

Zé Eduardo quiz comprar uma máquina fotográfica, mas ele é esperto. Antes de pedir o dinheiro expõe as razões por que o faz e a necessidade de adquirir o objecto. No caso presente assim aconteceu. Que era da máxima importância, quando se viaja, andar munido de uma coisa destas. Que em Portugal e no Lar de Coimbra, num instante poderia arranjar matéria fotográfica para o nosso jornal. Mas, sobretudo, o que mais o consumia, era a máquina que o Carlos do Porto possui com a qual lhe tirou a ele, Zé Eduardo, o retrato tendo-lhe levado 2\$50; ora aqui é que era. Entendia Zé Eduardo, que tendo vindo comigo ao Brasil, devia ir munido do necessário para tirar retratos aos mais em vez de pedir que lho fizessem a ele. Eu ouvia e deixava correr. Um dia confessa-me que tem cinquenta cruzeiros; que lhe tinham dado cinquenta cruzeiros, e que se eu lhe desse mais setenta chegavam para a compra. Quis saber a origem do dinheiro; quem é que lhe tinha dado aqueles cinquenta cruzeiros. Foi o Tejo, disse ele. Este Tejo, é o cão de estima da família aonde ele pernoitava. Ora eu já sabia que o Tejo dava coisas ao Zé Eduardo; todos os dias ele apresentava-se na minha cela às 8 da manhã, trazendo sempre deliciosas merendas que comia ao pé de mim, pelas 4 da tarde, informando-me que era o Tejo que lhe dava aquilo tudo... Mais. De uma vez trouxe um magnífico estojo de barba, que o Tejo também lhe dera. Sim. Eu sabia de coisas, mas de dinheiro, não. Mas eu não quis ficar atrás do Tejo, e como este deu os cinquenta, eu andei com os setenta e Zé Eduardo comprou a máquina. Zé Eduardo ficou mal à primeira experiência e também ficou mal à segunda experiência e eu, com pena dele, não quis que ele tentasse uma terceira experiência... Bateu duas chapas em falso!

Zé Eduardo ostenta no pulso uma das mais vistosas pulseiras que já mais têm saído da indústria do homem, e nela, um formoso relógio encastado. Desde que lhe deram este presente, Zé Eduardo acha que o calor do Brasil é insuportável, pelo que anda sempre sem casaco e de mangas arregaçadas... Ora vamos à origem deste presente: naquela II Semana de Estudos de Menores, no Palácio de Justiça de S. Paulo, de que já nos ocupamos, uma das perguntas que os magistrados ali me fizeram, foi sobre as relações de amizade que existem entre a população das nossas casas. Eu respondi com um caso vivo; Zé Eduardo estava ali ao pé de mim, com um relógio que na Casa do Gaiato de Lisboa, lhe tinha emprestado o Manuel Pedreiro, ao saber que ele, Zé Eduardo, não tinha sido escutado, quando me pediu um. A assistência ouviu o caso, enternecida. Viu o Zé Eduardo. Viu no pulso dele o relógio do Manuel Pedreiro. Foi então que um senhor, tira do seu e coloca no pulso do Zé Eduardo o relógio que trazia. Tomei este relógio por uma epopeia; epopeia de amor.

Zé Eduardo leva dois presentes para o Zé da Lenha e um para o Presidente, de senhores do Rio, que visitaram Paço de Sousa e os tiveram por cicerones. Também leva dois estojos com duas formosas canetas para o Avelino e o Julio, nomes gravados a ouro. Zé Eduardo comprou uma caneta para o Manuel Pedreiro e mais seis para outros rapazes dos nossos, e como um senhor me oferecesse uma de suprema categoria, o que eu muito estimei, ele anda a ver se me embrulha com esta grande confusão de canetas que levamos, tirando para ele a melhor, de todas; mas parece-me bem que não leva a dele avante.

Zé Eduardo teve há dias um grande desabafo comigo; ele já está sentindo a grande penúria que o espera em Coimbra, depois de tanta farturinha no Rio. Fez-me queixas do P.^o Manuel. Que na

Queima das Fitas só lhe dera 1\$00 e nas Festas do Espírito Santo, uma moeda de 2\$50. Ora que é que pode a gente fazer na romaria do Espírito Santo com aquele dinheiro no bolso, disse-me ele? Mais me disse que anda sempre depenado e que o senhor P.^o Manuel não entende as coisas.

Zé Eduardo ficou muito triste quando eu lhe disse que tinha de se desfazer de um dos seus fatos em favor dos companheiros, por lhe haverem dado um no Rio e eu dois em Coimbra. Três fatos não pode ser. A sua tristeza procede de não ser capaz de se determinar por qual deles há-de ser. Gosta igualmente dos três.

CHEGAMOS

O Zé Eduardo mais eu. Catorze dias depois de termos ssido do Rio, demos fundo no porto de Lisboa. A viagem foi sem incidentes. Zé Eduardo foi bom marinheiro; não enjoou. Nas vizinhanças das águas do Tejo, chegaram rumores de que nos esperavam em Lisboa e eu logo fiquei assustado. Eu trazia duras experiências do Brasil, de quanto custa aos mortais a fama e o nome; fiquei assustado. Esperava, sim, o Avelino mai-lo Alfredo cuja presença tinha solicitado ao Padre Adriano, se eles não tivessem sujado na minha ausência a toalha do livro. Mas não esperava nem contava com mais ninguém. Quanto me não enganei; estavam no cais a passar de cem rapazes. Cem deles! Habitantes de todas as nossas casas. Mal o vapor atraca e não obstante a dura vigilância de polícias e marinheiros, o Pírculas e o Fominhas furaram e vieram ter comigo. Precisamente nesta altura, estavam os jornalistas de Lisboa armados de caneta e de caderno e eu aproveitei a chegada dos dois atrevidos, tendo-lhes dito que a eles, atrevidos, se deveriam dirigir. Da grandes trabalhos me livraram os pequeninos mensageiros! Em baixo, no cais, era o reino da ansiedade em espuma. Mal eu ponho os pés em terra caem todos sobre mim e são encontrões, e são pisadelas, e são vivas, e são apertos. Debalde eu lanço os meus olhos à espera que alguém me defenda, mas quem é que se podia aproximar? Rasgaram-me as calças. As únicas calças que eu tinha, com as quais fora ao Brasil. Fiquei sem elas! Por fim libertei-me. Iam sendo horas de comparecer na Emissora aonde alguns dos nossos rapazes haviam de cantar, e cantaram. E aonde igualmente me foi dada a oportunidade de falar.

De todos os subsídios que o Estado me dá, eu tomo este como o mais proveitoso. Em primeiro lugar por ser uma verdadeira fonte de recursos espirituais. Posso falar. Posso dizer. Posso comunicar. Em segundo lugar vem a incrível confiança que os homens do Poder depositam na Obra da Rua, a pontos de me deixarem falar dela quase sempre sem censura e algumas vezes directamente ao público. Ora isto é uma coisa muito séria e que eu levo a muito alto. A Emissora é a voz da Nação. Tudo quanto ali se diz tem responsabilidade construtiva e constitucional. E deixam-me falar todas as vezes que eu quero! Sim; de todos os subsídios que o Estado tem dado à Obra da Rua, não há nenhum paralelo a este.

Ora aqui está o que eu disse ao mundo na hora em que cheguei:

«Eu tenho para mim que muito se perde quando muito se fala; nem tão pouco estava preparado para manifestações sociais, semelhantes às que no Rio de Janeiro o povo me quis dispensar.

Mas eu tomo tudo à conta da Obra da Rua; eu tomo tudo à conta do valor espiritual da criança abandonado. Quanto a mim, espero que jamais me virei a embriagar nem a perder o equilíbrio, guardando com fidelidade o posto que Deus me deu.

Eu disse nas terras por onde passei e digo também hoje aqui, que este qualificativo de *abandonado*, aplicado imerecidamente à criança, faz dela uma permanente e silenciosa testemunha de acusação e marca a mais grave doença da sociedade, em nossos tempos. Esta verdade sim. Esta denúncia sim. Isto quizera eu que as almas sentissem, que os jornais falassem, que os Poderes fizessem e que os homens cooperassem, sem distinção de credos nem de políticas.

Ir à fonte. Ir à origem. Indagar as causas que lançam no mundo infinitas crianças sem pai, sem medo nenhum do castigo da lei, tão pouco das sanções eternas.

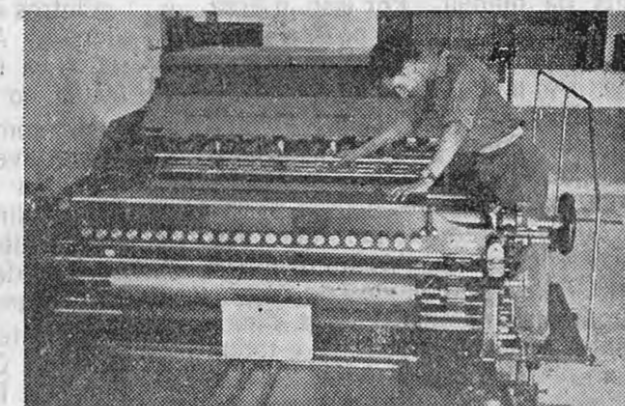
Melhor do que abrir abrigos para os filhos da infâmia, é trabalhar por impedir a infâmia que os produz. Isto sim. É impossível que a sociedade mantenha à custa de impostos, a herança do vício tolerado e continue abrindo mais maternidades, mais asilos, mais hospitais, mais manicómios, mais sanató-

A nossa tipografia

(Continuação da 1.^a página)

mar a si muitas almas. O mundo precisa destes espectáculos de beleza moral. O mundo anda doente e só estes remédios lhe podem fazer bem. Não tenham pressa meus senhores nem desanimem.

Esteve aqui ontem um jornalista de pluma e de caderno. Andou sózinho as horas que quiz e escreveu



consoante quiz. No fim vem ter comigo e lança-me imediatamente a pergunta afilite: e o dinheiro para tudo isto? Era à noitinha. O Risonho acabara justamente de me entregar uma pequena moeda de prata, de alguém que nos visitara. Eu tinha-a guardado na algibeira. A' pergunta do jornalista, tomei-a na palma da mão e disse serenamente: *está aqui*. Não sei a impressão que isto causou no homem que quiz saber do problema do dinheiro. Talvez ele diga algo nas páginas do seu jornal. Anda agora muito em moda falar da Obra da Rua. Não sei. Mas eu disse-lhe uma verdade.

Muitos têm perguntado a si mesmo e feito conjecturas graciosas de quanto me teriam dado nas terras de Santa Cruz; esperando ouvir da minha boca algarismos astronómicos. Seria a nossa desgraça se eu lhes pudesse dizer que sim com verdade! Eu cá tenho para mim que o maior favor da Providência desde que a Obra da Rua começou, tem sido justamente isto de eu poder mostrar aos curiosos a fonte dos nossos dinheiros; pequeninas moedas de prata que o povo nos confia. E com elas, com estas pequeninas moedas, temos feito e havemos de levantar maravilhas.

Visado pela Comissão de Censura

rios, mais prisões. É impossível. Se o faz, não compreende a sua doença; e se procura outros remédios em novos sistemas, agrava e não se cura.

Deixei ficar no Brasil o documentário da nossa aldeia. Quem me deu aquela cópia antes de partir, também me dará outra, se a fôr solicitar.

Quero bem ao homem que teve a feliz ideia de mandar um dia a Paço de Sousa. Quero bem ao homem que ali realizou a beleza de uma fita sem mistura. Se algum dia, em alguma matéria, caiu bem a nossa fórmula *A bem da nação*, eu digo que foi aqui.

Lágrimas brasileiras e portuguesas também o disseram, à maneira que nas telas viam desenrolar-se a vida feliz dos habitantes da Casa do Gaiato. Lágrimas piedosas. É pelo amor do próximo que se obega às alturas do amor de Deus. Não há outro caminho.

Realizou-se em S. Paulo, no Palácio da Justiça, uma Semana de Estudos do Problema do menor delinquente. Eu estava, e fui intimado a tomar parte activa no Congresso. O documentário falou ali com eloquência sem par. Estavam magistrados. Estavam estudiosos sinceros. Havia debates. Sentia-se um grande desejo de acertar.

Ferviam as perguntas, e tudo quanto eu disse ficou gravado em disco, como norma. Sementeira divina num campo ávido de justiça.

Estou de novo na nossa terra; no meu querido Portugal. Muito quero a um dos meus filhos, que me não deixou em paz enquanto não implantou na nossa aldeia de Paço de Sousa a bandeira nacional. Foi ele mesmo quem a igou, êle que ageitou o mastro, êle que perguntou preços, êle a quem a Pátria tanto deve porque tanto a ama. Era lixo!

Estou na minha terra, sim. Achei o Brasil uma grande terra. Quando estiver feita e arrumada, há-de ser muito maior.

Dos seus habitantes, só bem. Só tenho a dizer bem.

Ficou nas almas o interesse pela obra. Muitos, deram seus nomes para assinantes do jornal. Digo mesmo que d'oravante, as Casas do Gaiato serão os lugares santos da nossa pátria, com visita forçada de quem vier do Brasil.

Crónica da Nossa Aldeia

Corria boato na aldeia que o Pai Américo só chegava às onze e meia da manhã. Por isso, a essa hora já nenhum dos nossos rapazes se encontrava nos seus trabalhos. Ao longe, divisou-se a silhueta dum automóvel, e então é que foi. Todos gritavam e corriam dum lado para o outro. E' o nosso carro, diziam uns.

Outros porém diziam que não era, e que bem conheciam o nosso carro. Houve momentos de angústia que mais pareciam horas. Finalmente aparece o carro, e todos ficam de boca aberta. Era um automóvel da M. P., acompanhado de muitos rapazes que nesse dia fizeram uma visita à nossa aldeia.

Ficamos chatiados perante aquela aparição, dum carro que não era o que nós desejávamos que ele aparecesse mas sim tão de pressa outro que nós estávamos à espera. Já passava do meio dia, e ao longe aparece outro carro. Agora é que era o desejado automóvel. Começam a correr todos para o portão da aldeia. A confusão estabelece-se rapidamente. Já ninguém se entendia e alguns

já choravam porque lhe tinham pisado uma criadela.

Outros riam, outros choravam de alegria. Antes um dia ou dois tinham-se ido pedir os mastros de festas ao senhor Abade, e depois estes com fôlhas de palmeira pela nossa avenida acima parecia mesmo uma aldeia em festa. As senhoras tinham feito de papeis de seda muitos feitiços bonitos que depois de dependurados então é que parecia mesmo festa.

Durante o dia mais ninguém trabalhou. Os tamboreiros não faltaram, os fogueteiros também não, era um barulho ensurdecedor dos foguetes e dos tambores, que até fazia doer os ouvidos. Quando veio a noite ainda houve festa rija. Era rabeladas, era a banda de musica de Paço de Sousa e era os foguetes e era tanta a gente que nem se podia mexer dum lado para o outro. E era já tarde quando tudo isto acabou. Jamais esqueceremos este dia tão festivo e ao mesmo tempo comemorativo dum data que também não se esquecerá tam depressa.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Dito e feito O Sr. P. Luis antes de partir para Miranda do Corvo, disse-nos que quando acabassem as aulas iam dar um passeio a Mafra de bicicleta. O seu desejo era também ir quanto mais depressa possível, resolvemos ir com um dos carpinteiros da casa e levamos cada qual a sua merenda na bicicleta.

Fomos no dia da Assunção de Nossa Senhora, isto é no dia 15, a uma segunda-feira.

O domingo correu com um entusiasmo formidável... convidavam-se operários, pediam-se as camisolas da equipa de jogar a bola para levarmos vestidas, para irmos à fresca; arranjavam-se bonés por causa do sol, e se fosse a dizer tudo de ponta a ponta, era um nunca mais acabar...

Saimos daqui às 6 horas da manhã e 2 horas depois chegávamos a Mafra com 33 quilómetros percorridos, tudo a subir! Ali descansamos 15 minutos e seguimos para a Ericeira, onde chegamos às 8 horas e 50 minutos. Assistimos à Missa das 9 e fomos tomar banho logo em seguida. Comemos alguma coisa e viemos para Mafra. Visitámos o Convento e às 17,30 partimos para o Tojal.

A viagem foi ótima, contudo houve 3 desastres «leves»: o primeiro aconteceu ao Manteigas; saiu-lhe a corrente e ficou toda desengonçada, teve de ir a pé até ao Pinheiro de Loures, e ali alugou

outra maquina. O segundo foi comigo: uma queda mas sem perigo e a terceira foi com um operário que nos acompanhava, também uma queda, porque um burro espantou-se e aquele teve que travar de repente e caiu. Ficou um pouco ferido, mas continuou a viagem.

Alegria para todos! Causou grande alegria a chegada do Pai Américo no Serpa Pinto à Rocha do Conde de Obidos. Eram 160 filhos que o esperavam, além de outras pessoas de valor. Fotógrafos eram uma meia dúzia e outro tanto de jornalistas.

Ainda mal tinha pisado as primeiras pedras do Cais já era levantado em triunfo pelos Gaiatos, com um entusiasmo formidável.

A' noite, tivemos a Festa de recepção no Ginásio do Liceu de D. Filipa de Lencastre que terminou muito bem.

O Pai Américo fez um pequeno discurso, no qual contava algumas coisas da sua estada no Brasil.

Disse-nos que tinha metido uma petazinha a uma pobre velhinha de 92 anos que foi ter com ele e disse-lhe: Eu sou duma terra entre a Régua e Lamego, e o Sr. Sou de Sinfaes.

A petazinha era para a velha ficar mais contente e ao mesmo tempo para ficar mais pertinho dela.

PEDRO JOÃO

= BOAS NOTÍCIAS = Do que nós necessitamos

Era duma vez eu que me encontrava na sacada da Casa Mãe a ver como os rapazes brincavam no nosso campo de jogos. O Cête era um deles. Não sei bem porquê, este rapaz, em dado momento, desliga-se dos companheiros, passa junto das oficinas, sobe a encosta que diz para a capela, entra na Casa Mãe pela porta do refeitório e vem aonde a mim. Isto era um domingo, horas de trindades. O poente estava em sangue. O Cête abeira-se de mim com os olhos muito grandes como são os dele, e fica sem nada dizer. Deixou-me a impressão de que ele desejava e esperava que tósse eu o primeiro a abrir conversa, mas a verdade é que não o tinha chamado e mui naturalmente esperei dele a primeira palavra. O Cête é assim. Este adorável rapaz tem sede de carinhos e por vezes aparece ao pé de mim, não a pedi los mas a deixar ver que os quer; é a ânsia natural de um amor inenarrável que Deus planta no coração dos jóvens.

O sol tinha-se submergido, tendo pintado de vermelho o céu. Em baixo, os rapazes brincavam descuidadamente. Ia escurecer. Cête toma a palavra: *Quando V. morrer vai aqui ser o diábo.* Eis o medo. O medo de perder um bem. Isto e outras coisas mais, fazem com que o homem nunca atinja em sua vida uma perfeita felicidade. O medo é uma das nossas grandes aflições. Eu escutei e quiz as razões; pedi ao Cête que se explicasse melhor. Ele continua: «Nós vamos todos embora. Mandam-nos todos embora. Quanto a mim não se me dá porque eu já ganho o meu pão em qualquer parte, mas dos Batatas é que eu tenho pena. Eles são tão pequeninos e ficam sem ninguém. Vai ser o diábo quando V. morrer». Eu medi o rapaz dos pés à cabeça. Gostei de o saber com tanto medo, com tanta ânsia, com tanta preocupação. Gostei, sobretudo, de lhe sentir na alma tanta nobreza a pontos de se esquecer de si mesmo, para somente se lembrar dos mais fracos: *dos Batatas é que eu tenho pena.* O antigo itinerante e pedinte deu uma lição ao mundo.

Estava no campo de jogos. Subiu às alturas da nossa varanda e de lá, ao pé de mim, prègou alto ao mundo inteiro. A ânsia que este meu filho alimenta de carinho, produz nele um sentimento de justiça, que vai até à própria abnegação: *Quanto a mim não se me dá.*

Ora eu nunca relatei este acontecimento íntimo, com quanto há muito tempo ele se tivesse dado; não o relatei porque se tal fizesse ia bulir

numa dúvida que está no sub-consciente da maior parte dos nossos leitores. Na verdade muitos têm posto este problema e assustam-se, por lhe não verem solução: *em morrendo o macaco acaba a comédia.* Pois não é assim. Que o Cête fique tranquilo e da mesma sorte todos quantos até hoje mantinham receios pelo futuro da Obra da Rua. Eu, por mim, nunca tive dúvidas. Eu tenho dito aqui muitas vezes e afirmado que, nas obras essencialmente de Deus, é Ele quem faz as contas e as nomeações. Eu sei de fonte segura que quando chegar a minha hora, aparece imediatamente o sucessor. Eu já o sabia, mas gostei de verificar esta verdade, por causa dos que duvidam. Por causa dos que duvidavam, pois estou certo que ninguém mais o fará doravante.

Eu fiz uma ausencia de perto de três meses, tendo entregue o governo da Obra nas mãos do P.º Adriano. Ausencia longa. Distância imensa. Poderes plenos. Pois bem. Regressei. Encontro-me há uns dias já na posse do meu lugar. Vi. Ouvi. Apalpei. Sinto que não fiz falta nenhuma. O meu lugar foi totalmente e adequadamente preenchido. Ainda que entre os meus leitores haja algum tão exigente como Tomé, pois esse ou esses devem ficar plenamente satisfeitos em virtude desta comunicação. Nem jamais a faria aqui, por esta forma, se me não sentisse eu mesmo plenamente satisfeito.

O P.º Adriano tem mais quatro irmãos ocupados na dura missão de sacerdotes. Todos eles beberam a virtude no leite da mãe. E para usar a linguagem da Idade Média, foi ela mesma, a mãe, que os armou cavaleiros. Fê-lo naturalmente, sem intenção nem determinação. Um lar cristão, só porque o é, é uma fonte criadora; é uma fonte geradora dos grandes mestres da vida. Entre esses quatro irmãos sacerdotes há um, mais novo do que este, e revestido de qualidades semelhantes, para ser também um natural sucessor da Obra. Ele quer vir. Ele deseja vir. Ele é um revolucionário de vida latente. Eu nunca o pedi ao seu legítimo superior por reconhecer a falta que este sacerdote faz no seminário aonde vive. A tal ponto eu amo a Igreja; a Igreja Católica Apostólica e Romana. A tal ponto a amo, digo, que a não quero ver privada dum precioso elemento e antes quero que a Obra da Rua sofra a sua falta. Sim em uma comunidade religiosa aonde se formem sacerdotes para a vida, torna-se necessário a vista e o contacto de um padre que seja luz. Se

Não é de dizer a ninguém, tam pouco este jornal teria espaço, se nós quizessemos relatar tudo quanto se retirou do *Depósito* depois da minha chegada. O Padre Adriano só lá foi uma vez enquanto eu por lá andava. Não é de dizer a ninguém. O Espelho da Moda não está comotal no *Mapa Mundi*, mas o Brasil é lá... Alvares Cabral, com mais trabalhos e aflições, descobriu um bem mais pequenino. Mais vinte escudos de Coimbra. Mais quinhentos escudos de Oliveira do Hospital. Mais um par de sapatos de Lourenço Marques. Mais roupas de Febres. Mais uma pancadaria de chapéus de palha de Braga. Mais da Covilhã dois cortes de fazenda; disto é que a gente gosta. Mais roupas de lhavo. Outra vez o Dr. Zéquinha. A direcção do G. E. Flor do Palácio dá 50\$00. Mais quinhentos da Senhora dos Emblemas. Mais uma vitela de Paço de Sousa. Mais quinhentos da Granja. Mais uma carta de muitas páginas e logo a seguir outra carta de muitas páginas, ambas da mesma terra e da mesma pessoa. O vocativo duma e doutra é *Padres da Rua*; a pessoa que escreve dirige-se aos Padres da Rua. Gosto deste nome tão banal e tão original. Gosto de saber que nós já somos hoje marco geodésico para onde olham as pessoas que parecem ter perdido a esperança. Eu quero que os Padres da Rua mereçam essas vistas, pela dureza com que olham para si mesmos e suavidade com que encaram os mais. Foi, até, por nos chamar *Padres da Rua*, que eu tive a coragem de ler as duas extensas cartas, mas não prometo continuar a fazê-lo, pelo que será bom colocar-se o ponto final. Só o tempo; é o tempo que cura os males dessa natureza. Temos de ser práticos, racionais, compreensivos e saber que não vamos sózinhos por essas extensas vias dolorosas. Outros nos precederam, outros nos não-de suceder e muitos outros passam à nossa beirinha, hoje, anónimos e magoados com problemas identicos. E' a natureza das coisas. E' o tributo da vida. O tempo esclarece. Nele e por ele se descobre, mais tarde, com que precárias razões não estamos ligando hoje a vida àquele ou àquela mortal que um dia terá por história o aqui jaz dos cemiterios. E mais nada.

não fôra essa minha natural relutância, eu poderia hoje aqui afirmar que em lugar de um, a Obra da Rua teria dois sucessores.